



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

**A Grande Salada:**

**Um estudo sobre Barbie Dreamhouse Adventures a partir da leitura de gênero**

Monique Renault de Castro

14/0029001

Brasília

Universidade de Brasília

1/2019

**A Grande Salada:**

**Um estudo sobre Barbie Dreamhouse Adventures a partir da leitura de gênero**

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Wagner Antônio Rizzo

Brasília  
Universidade de Brasília

1/2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda.

**A Grande Salada:**

**Um estudo sobre Barbie Dreamhouse Adventures a partir da leitura de gênero**

Monique Renault de Castro

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Orientador Dr. Wagner Rizzo

---

Profa. Dra. Selma Oliveira

---

Prof. Dr. Marcelo Feijó Rocha Lima

---

Suplente: Prof. Ronald Souza de Jesus

Quando quis menos,  
obtive tudo.

**São João da Cruz**

## AGRADECIMENTOS

Por Ele e para Ele, sempre foram, e sempre serão todas as coisas. Ao meu primeiro e verdadeiro Amor.

À quem veio primeiro. Vitória. Quem tudo mudou aqui dentro e tanto ensinou às outras partes de mim que estariam por vir. Natally, Nicolas, Emma. A todas as crianças que inundaram meu coração (e meus olhos), nessa jornada e em caminhos antigos, em qualquer canto do mundo. Não posso mensurar tudo que aprendi com gente de tamanho pequeno e alma gigante.

Às mulheres da minha família: Mãe, Marcelle e Vivi. Obrigada pelos abraços, carinhos e paciência tão resiliente, mesmo com o meu eu grosseiro e emburrado. Sem vocês eu não conseguiria. A última, minha irmã de alma, vida e TCC, as palavras se cansam de tanta repetição. Eu te desejo o mundo a partir dessa porta que fechamos juntas, e com ela, que abramos muitas outras lado a lado.

Aos pedacinhos de mim que vieram se encaixando ao longo da jornada (Lola, May, Nana, Anaju, Fê, Emi, Bru, Tidinhos, Cais) ou se reencaixando (Athán), mesmo não presentes (fisicamente ou o tempo inteiro), se hoje sou um pouquinho mais, é porque vocês somaram em algum momento de despedaço e me fizeram enxergar além da tempestade. Ao rei da "pacienza" e compreensão, que esteve comigo nas muitas noites não dormidas, essa é só a primeira das muitas fases difíceis que dividiremos na vida, mas se a gente vai juntinho, a gente vai sempre bem.

E finalmente, aos mestres que me constituíram Comunicadora. Feijó, Dione, Ronald, Luciano, Russi. Agradeço o ensino excelente, a dedicação, a fonte incansável de conhecimento. Em especial à dupla Wagner e Selma que tanto me acolheram (em todos os sentidos) ao longo do curso. Por todos os abraços, as sessões terapêuticas, a didática maluca, a casa aberta e as longas conversas no cantinho do Lab. Não tem dedicatória que retribua o ensinar distante de metodologias enfadonhas, mas inundado de experiências de vida. Obrigada por caminharem comigo meus passos curtos e confusos. Levo vocês para além da UnB. E meu diploma é seu também, Selminha. Sou inteiramente grata por partilhar as descobertas do início ao fim com você. Um misto de inspiração, orgulho e amor.

## RESUMO

O presente memorial tem como objetivo narrar o ensaio experimento denominado Aniversário de Rita. O evento foi planejado e produzido, a partir da observação do corpus composto por episódios da animação *Barbie Dreamhouse Adventures*, das mídias e a própria boneca Barbie. A meta foi problematizar e desconstruir a imagem da menina perfeita apresentada ao público infantil, majoritariamente feminino. Os Estudos de Gênero foram o referencial teórico escolhido para balizar a leitura crítica do corpus, que identificou alguns estereótipos associados à personagem, e estes foram usados como critério de desconstrução, tanto no planejamento do evento, como na direção de arte do ensaio. Já com os registros em mãos, as crianças que participaram do ensaio foram reunidas em um aniversário/oficina, na qual foram incentivadas a criarem sua própria leitura do Aniversário de Rita, em versão *scrapbook*. Elas quebraram alguns estereótipos previamente identificados e também desconstruíram a própria desconstrução planejada para o ensaio.

Palavras Chave: Comunicação, Barbie, Criança, Gênero, Desconstrução, Aniversário.

## **SUMÁRIO**

<b>LISTA DE FIGURAS</b>	<b>6</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>PROBLEMA</b>	<b>12</b>
<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>12</b>
<b>OBJETIVO</b>	<b>13</b>
<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>15</b>
<i>You Can Be Anything</i>	19
A Grande Salada	22
Cenário e figurino	23
Paleta de Cores	26
Ficha técnica	28
O <i>Scrapbook</i>	29
<b>METODOLOGIA</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>37</b>
<b>Outras referências</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>39</b>
Orçamento do Produto	39
Lista da origem dos objetos de cena utilizados	40
Links de acesso aos registros e vídeos de <i>making of</i>	41

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA	NOME	PÁG
1	Aniversário da Carla Cristina, Luziânia - GO, 1990	8
2	O presente surpresa da Chelsea, 2018	9
3	Resultados para as buscas “brinquedos para meninas”	18
4	Página da rede social de <i>Lifestyle</i> da boneca Barbie	20
5	Frame do <i>making of</i> do ensaio fotográfico	23
6	Croquis iniciais do figurino	25
7	Referência para as maquiagens	25
8	Desconstrução do ambiente	26
9	Frames de <i>As Pequenas Margaridas</i>	27
10	Frames de <i>Virgens Suicidas</i>	27
11	Paleta de cores do ensaio	27
12	O <i>Scrapbook</i>	41
13	Quadros de organização no <i>Trello</i>	42
14	Antes e depois	42



## 1. INTRODUÇÃO

O espectro social presente em festas de aniversário percorre as veias culturais desde a Grécia antiga. Mas somente com a celebração do nascimento de Jesus, o mundo ocidental tomou para si o existir perante a virada do ano (particular). O que antes era um ritual pagão, torna-se, então, o primeiro evento social em que marcamos presença (LINTON, 1952).

A estrutura das comemorações tendiam para um padrão comum: a personagem principal centralizada, mais bem vestida que os convidados. Sapatos brilhantes, vestido de festa, um penteado bonito, comportamento excepcional. Acompanhada das figuras parentais, ou familiares mais próximas. As crianças reunidas ao redor da mesa. Demonstro em registro pessoal, retirado de álbuns antigos de família, a proximidade e o caráter habitual destes padrões.

**Figura 1- Aniversário da Carla Cristina, Luziânia - GO, 1990**



Fonte: Registro de álbuns de fotografia pessoal

Alguns pais constantemente à espreita, apurando em todo tempo a certeza de que seus filhos não os fariam passar vergonha. Este sentimento de que quando as crianças se divertiam, algo seguramente estava fora do lugar, (desconforto observado, principalmente, para com meninas) em muito justifica o teor unicamente social do aniversário. É uma celebração, um rito de passagem, que nada muda, senão a afirmativa de que mais um número de 365 dias nos foi acrescentado à conta. Mas durante o longo caminho que é traçado até que o dia da virada seja contado, ali sim é onde habitam as verdadeiras experimentações e mutações do homem em ser.

Ao reconhecer as padronizações descritas, como uma espécie de escopo anual do evento, não pude ignorar algumas representações no campo comunicacional. Pela primeira vez, ao acompanhar minha sobrinha de 6 anos em um episódio de *Barbie Dreamhouse Adventures*, reconheci imediatamente alguns estereótipos (desdobramentos em REFERENCIAL TEÓRICO) ilustrados e normatizados na série.

A animação trouxe uma réplica do aniversariar, em caricatura exacerbada e de forma não representativa, no universo tradicional da menina em plena sociedade, em que os bons modos, a natureza, o orgânico (por se tratar da versão pequena da mulher, é espontaneamente associado à nutrição, maternidade) são sistemas estruturais e simbólicos.

Figura 2 - O presente surpresa da Chelsea, 2018



Fonte: *Print* - Reprodução no youtube.com<sup>1</sup>

A personagem principal é a Barbie (loira, branca, norte americana, magra, elite da Califórnia com seus amigos e família). A cena mostra o aniversário de sua irmã mais nova, Chelsea. Todo o enredo gira em torno do presente perfeito e as várias "aventuras" que ocorrem até o momento da festa. Durante o evento, o contexto é a perfeição, muito semelhante com o que se é replicado na realidade de festas de meninas da mesma faixa etária. Tudo é rosa, branco, limpo, os convidados são impecáveis e as brincadeiras são disciplinadas pela presença do adulto controlador. As crianças estão vestidas com total desconforto e não fosse animação, as aventuras, ou o sentar no chão seria provavelmente inviável, mas em nada isso interfere, tendo em vista que a Barbie sempre será bem sucedida em absolutamente tudo que faz.

O incômodo foi crescente à medida que eu recordava a constante repetição nos meus aniversários, nas festas da minha família e até em eventos que eu mesma ajudei a organizar para sobrinhas. Vivemos o branco, a limpeza, a delicadeza, (BEAUVOIR, 1967, p.198) o feminino enquadrado em padrões estruturais advindos do patriarcado. Nada é tão mulher quanto a maternidade. Os brinquedos que nos são dados preparam ótimas enfermeiras, cozinheiras, faxineiras, perfeitas donas de

---

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z1JWp3g7I4s> . Acesso em: 10/2018

casa. À mulher cabe a profissão auxiliar (BEAUVOIR, 1970, p.20), das quais já nascem prontas pela simples possibilidade de um dia ser mãe.

Nessa sequência de análises e conversas entre mim e a Viviane, nasceu a inevitabilidade do experimentar. O conhecer. Eis o primeiro rascunho do *Aniversário de Rita*. Foi em estado de observância, espaço amplo e propício para a curiosidade frutificar, com todas as portas - intelectuais, artísticas, psicológicas - escancaradas a conhecer de fato quem são as meninas que habitam entre o ser barbie (ou não ser), o querer ser mulher, ser feminina, treinar ninar um bebê com uma boneca ou não. O coexistir com o termo mulher é compreender ou desconfigurar a afirmativa de Simone de Beauvoir (1970) quando diz que: Se hoje não há mais feminilidade, é porque nunca houve. Significará isso que a palavra 'mulher' não tenha nenhum conteúdo (p.8). Para tanto, é necessário reconhecer e dar a devida liberdade ao feminismo, que, mesmo não tão explorado nestes termos, refere-se também àquelas meninas que amam o rosa, a Barbie, que ainda desconhecem, mas já não querem abrir mão da maternidade, mesmo depois de compartilharem a jornada de luta da mulher.

Desde que, naturalmente, a mãe, dona de casa, encontre-se coberta e protegida pela família tradicional, este conceito estrutural não necessita ser diretamente defendido. É imprescindível que o feminismo se oponha a esta figura, em termos obrigatórios, como única e exclusiva opção da mulher. Entretanto, jamais inviabilize o preceito inicial de total soberania que deve exercer sobre si mesma. Por vezes, as integrantes dos movimentos feministas em seus discursos esquecem que é ofício da luta permitir que a mulher esteja onde ela queira estar e, talvez, a menina - possivelmente em decorrência do poder da sociedade de massa, indústria cultural e produto cultural - adote a realidade da Barbie como própria. Mesmo em contato com o universo de possibilidades expandidas pelas batalhas diárias feministas, é possível que a menina reconheça-se com a feminilidade e padrões elitistas da personagem, e dessa forma, pretenda continuar afagando suas bonecas. Cabe ao movimento incluir, providenciar compreensão, observar e aprofundar-se em toda a casta de manifestações, sejam elas ou não, resultantes do sistema industrial de grandes marcas, como a *Mattel*.

Decidi falar de futuro citando o passado. Os recortes de situações que, eu como fotógrafa e Viviane como Diretora de Arte, reconhecemos nos registros e também na decoração, talvez representem mais a geração das autoras do que das fotografadas. Mas, mesmo que de uma forma não literal, a subjetividade presente na educação de meninas é similar em diversas gerações.

Durante longas discussões sobre a superficialidade do que é compreendido como aniversário, senti que era justo considerar este fenômeno como sinônimo de coleção de experimentos vivenciados. Às vezes estes são situações ruins, mas que em muito representam apenas ganho de mais responsabilidade. Apesar de gerarem no indivíduo traumas e machucados, essas ocorrências são popularmente consideradas experiências positivas por significarem superação, força e rigidez.

Completar mais um ano de vida nos torna meninas de 10, 11 ou 20 anos. Todavia, o simples fato de existir não é mais que envelhecer, o que é referencialmente um processo puramente biológico, qual seja: amadurecer. Entretanto, diferente de frutas, que além das mudanças físicas muda-se também seu sabor e sua textura, seres humanos não compartilham uma coesão entre suas características físicas e seu estado psicológico. A definição da palavra amadurecer é oriunda de processos orgânicos presentes na natureza, trazidos para a vida e o desenvolvimento social. Dessa forma, usamos como padrão fatores que não se igualam ao que ocorre no psicológico e emocional de uma criança em formação.

Com isso, vi a oportunidade de entender melhor nossa formação como mulher dentro do contexto de uma infância e pré-adolescência entre os anos 90 e 2000 e revisitar o consumo midiático intenso sob o qual fomos expostas nesse período. A partir daí, estruturamos em conjunto um Aniversário em experimento, e o realizamos juntas, porém, seu desdobramento em produtos exigiu nossa separação, para maior aprofundamento em áreas específicas.

## 2. PROBLEMA

Nesta configuração, um misto de desapontamento e curiosidade se instaurou, não de modo exclusivamente crítico, uma sede por mudanças ou algo do gênero, mas o interesse em experimentar um possível outro lado fez com que a desconstrução gerasse indagações. Caso um evento social, usual e regular como o aniversário, ganhasse desprovemento de toda sua padronização, a narrativa resultante seria, ainda sim, a mesma das ilustrações na série da Barbie? Quais regras regeriam o ambiente desprovido de normas e tomado pela desinibição? A ordenação permaneceria?

## 3. JUSTIFICATIVA

Todo estudo que tem por objetivo colaborar com a expressão do que ser mulher simboliza, principalmente através da arte, é sem dúvida de extrema importância. Seja para apoiar o processo construtivo social - tendo em vista ser um ensaio desenvolvido por duas mulheres - ou para incentivar os movimentos feministas a jamais desistirem e continuarem alçando a voz até que as normas da sociedade androcêntrica, que definem o que a mulher é ou deva ser, possam ser modificadas.

Pretendo, com este produto e memorial, trazer contribuições para a compreensão dos fatos que se passam no universo comunicacional, particularmente o infantil, e que se perpetuam anos após anos consolidando a condição feminina sob a ótica de marcas, não de mulheres.

Ao lidar com crianças, ou, ao olhar sem pressa para nossas não tão distantes infâncias, pronto percebe-se que é fácil interpretar o futuro por trás da comunicação que nos é programada. As opções são mínimas, o diálogo é quase inexistente. O estereótipo e a estrutura social já prediz quem seremos. Isto é, seremos mães, amáveis, dóceis, cuidadoras, delicadas e femininas. Mas esta falta de formulação de diálogo não pode nos conformar. É com essa motivação incansável e incessante que eu proponho *A Grande Salada: Um estudo sobre Barbie Dreamhouse Adventures a partir da leitura de gênero* como forma de narrativa fotográfica de um ensaio

experimento em que retiramos as amarras e permitimos, às meninas que participaram, a breve liberdade de não serem pequenas barbies. Procuramos lembrar que antes do chá de bebê azul ou rosa, a Barbie ou o Max Steel, primeiramente vem a criança.

## 4. OBJETIVO

### 4.1. Objetivo Geral

Configurar a narrativa da conduta social obtida através do ensaio experimento denominado Aniversário de Rita, que teve como base de modelo feminino a série da *Mattel: Barbie Dreamhouse Adventures*. Observar os caminhos comportamentais desconstruídos naquele ambiente e como elas são regidas em um espaço social neutro.

Possibilitar que os registros ganhem outra perspectiva através do *scrapbook*, nas mãos das próprias crianças participantes do evento. Acompanhar o processo criativo e tentar ponderar a compreensão narrativa que elas exprimiram durante o dia do ensaio.

Sei que palavras não são suficientes - mas também não são imprescindíveis - para causar reflexões, e com o *Aniversário de Rita*, foi possível evocar o poder da imagem. Com a realização das fotografias, o objetivo foi trazer questões sobre as projeções da infância, da feminilidade como símbolo e das influências que personagens midiáticas, como a Barbie, tem na vida das garotas. Porém, tenho ciência de que todo produto imagético, seja as fotos em si ou seu desenvolvimento em *scrapbook*, está a mercê da bagagem cultural de quem o observa e, sendo assim, sei que os mais diversos observadores trarão suas próprias questões e conclusões sobre o processo e produto, independente da desenvoltura inicial que o projeto deu partida em suas autoras.

Com esse experimento, coloquei em prática o conhecimento que adquiri sobre o fazer comunicacional dentro e paralelo aos nossos estudos na Universidade. Ao trabalhar com direção de arte e fotografia publicitária, optei por dissecar territórios

que, apesar de muito estudados, tive relativamente pouco contato durante a graduação. Este memorial tem como objetivo secundário orientar, de alguma forma, futuros alunos que tenham interesse em trabalhar, ou apenas tocar diferentes relacionamentos, com as respectivas áreas.

#### 4.2. Objetivos Específicos

- Estudar, na referência histórica do feminismo, os alicerces que perpetuam um modelo de feminino no espaço comunicacional até os dias de hoje (método bibliográfico);
- Fazer uma leitura crítica da animação *Barbie Dreamhouse Adventures* a partir da leitura de gênero;
- Reconhecer, através do ensaio *Aniversário de Rita*, quais comportamentos são imanentes em crianças, e contestam a figura da menina (o sexo recluso e auxiliar);
- Registrar pelo ensaio *Aniversário de Rita* exemplos da influência de mídias como a Barbie, identificar estereótipos e como a desconstrução ocorre em um ambiente desregrado ( método experimental);
- Possibilitar que as crianças participantes da festa se apropriem de suas imagens registradas e façam sua própria narrativa no formato de um *scrapbook* (método qualitativo).



## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

As mudanças e permanências na condição feminina nesta memória são observadas debaixo do olhar de gênero na infância. Este que, de acordo com Soihet (2003), é definido como a padronização de análise, demonstrando as principais características estruturais que diferenciam as relações sociais entre homens e mulheres.

Essa esfera teve seu início na literatura do movimento feminista para auxiliar sua compreensão e desmistificar a ideia do "machismo ao contrário" (DINIZ, 2012). A partir do século XX, a força de linguagem aumenta, e com ela, a definição da efígie feminismo, somado a vários setores estruturais coletivos, como por exemplo, progressistas (ZANETTI, 2008, p. 4-5; DINIZ, 2012, p. 103). Mais do que a libertação de padrões, o movimento busca o autoconhecimento da mulher, um estudo social de identificação que não se restringe a sucumbir o machismo, mas se imerge em discussões que o oriunda, bem como a desconstrução da ideia estereotipada dos gêneros.

O fortalecimento da representatividade da mulher na mídia - um universo tomado pela influência masculina e conseqüentemente pela expressão de um comportamento social que, teoricamente, cabe a mulher - provoca novas indagações. Entre elas, se as condutas representadas realmente procedem da figura feminina, de como ela gostaria de se enxergar, ou se somente refletem as definições culturais e históricas que estruturam a sociedade, como bem comenta Simone Beauvoir (1997):

Se passamos em revista algumas dessas obras consagradas à mulher, vemos que um dos pontos de vista mais amiúde adotados é o do bem público, do interesse geral; em verdade, cada um entende, com isso, o interesse da sociedade tal qual deseja manter ou estabelecer. Quanto a nós, estimamos que não há outro bem público senão o que assegura o bem individual dos cidadãos. (BEAUVOIR, p. 22)

E pela constância, acabamos por considerar e reforçar a imagem, como exatamente a manifestação que gostaríamos de entregar:

Não há nenhuma possibilidade de medir a felicidade de outrem e é sempre fácil declarar feliz a situação que se lhe quer impor. Os que condenamos à estagnação, nós os declaramos felizes sob o pretexto de que a felicidade é a imobilidade. É, portanto, uma noção a que não nos referimos. A perspectiva que adotamos é a da moral existencialista. (BEAUVOIR, 1997, p.22)

Essa é a evidência de que o feminismo abriu uma área de conhecimento que muitas vezes é invadida por noções não pertencentes à cultura alusiva em questão e é comum encontrarmos saberes definindo, conceitualizando e participando da condição feminina com pertencimento, como se aquela representatividade dissesse respeito à idealização primária do movimento estudado.

Moore (2000) apresenta a importância de se levar em consideração a pluralidade das experiências da vivência feminina. É preciso pesar a relevância de que um movimento traçado pela essência da mulher seja cabalmente representado e fundamentado por protagonistas também mulheres. E, automaticamente, as consequências de consentir um outro olhar, de quem não é atingido pela causa durante esse processo de solidificação da figura feminina.

Para isso, faz-se necessário este recorte de gênero e a compreensão de como o papel da mulher é atravessado pelas influências comunicacionais e a estereotipização, que, de forma resumida se refere a uma categorização geral para cada pessoa. Fazendo, assim, referência ao conjunto da qual pertencem (Bodenhausen & Richeson, 2010). Este processo define um objeto intelectual de categorização inelutável, em que automaticamente é efetivado e controlam as condutas do sistema social (Devine, 1989).

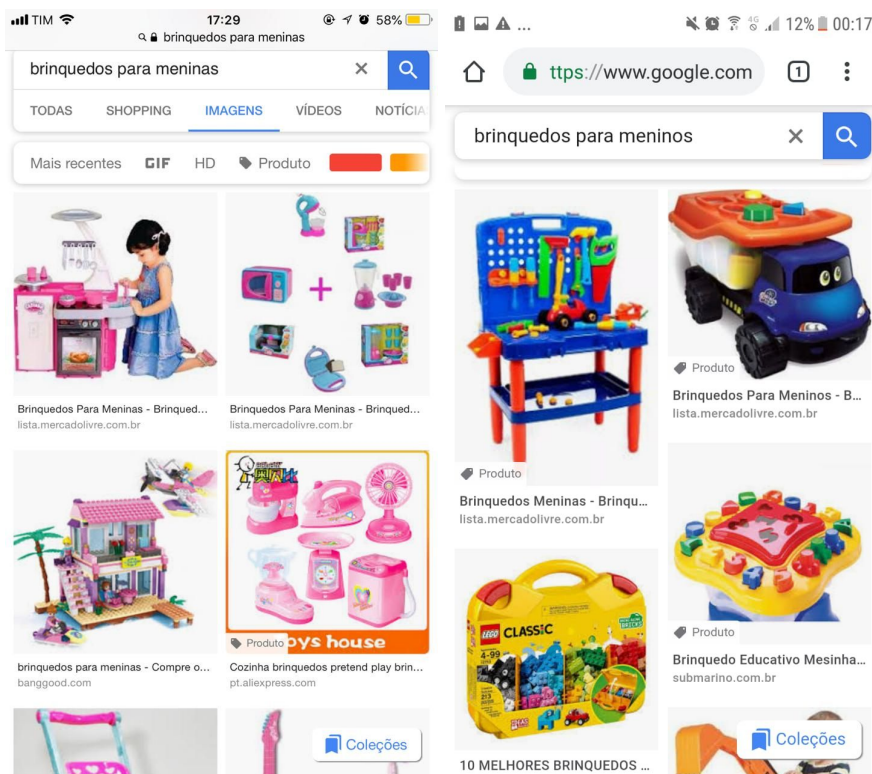
Ou seja, esse composto de agrupamento divide a sociedade em compreensões de capacidade, em que a mulher se classifica, claramente no conjunto da amabilidade. Refere-se à "sinceridade, lealdade, moralidade, sociabilidade, comunidade e boas intenções, enquanto ao homem, cabe a

"inteligência, assertividade e eficácia" (Fiske, Cuddy, & Glick, 2007 apud CUNHA, 2017, p. 11). Essa definição promove uma compensação dupla face. Dessa forma, a tendência é a realização de um julgamento positivo, de um lado, e negativo do outro. Ocorre, então, uma dualidade de avaliação como hostil e competente, e seu oposto amável e incompetente. Os estereótipos andam majoritariamente em dupla, como forma de contrapeso (Fiske, Cuddy, & Glick, 2007 apud CUNHA, 2017, p. 11). Para cada juízo desfavorável há outro favorável para compensar.

Essa compensação, ocorre, então, de modo que em uma instância a mulher é útil para a maternidade, o lar, e proporcionalmente é incompetente para a indústria e o trabalho. Dessa forma, debaixo da estrutura social que nos configura incompetentes, dificilmente sairíamos, em um processo natural, das asas da subordinação. Isto evidencia que os comportamentos preconceituosos, com os quais nos deparamos ao longo da vida, são reforçados por uma ambivalência de estereótipos, em que o feminino usual é claramente encontrado na dualidade amável/incompetente, também denominados "paternalistas" (Cuddy, Fiske, & Glick, 2007 apud CUNHA, 2017, p. 12).

Não é difícil reconhecer que estas amarras sociais, tais como os estereótipos condicionados à mulher, alvorecem na infância. A forte influência presente nos campos lúdicos dos brinquedos e nos muitos caminhos midiáticos fazem parte desta jornada em formação. As brincadeiras relativas às meninas não possibilitam nada mais que um ensaio da vida doméstica e uma experimentação dos paradigmas que terão que enfrentar, quando perceberem que seus corpos raramente estarão de acordo com as imagens ilustradas nos mais diversos, porém não diversificados, brinquedos para meninas.

**Figura 3 - Resultados para as buscas “brinquedos para meninas” e “brinquedos para meninos”**



Fonte: *Print* - Pesquisa no google.com

Tal afirmativa é, descrita na fala de Rodari:

A menina que brinca com suas bonecas e, enfim, com o seu riquíssimo enxoval, móveis, utensílios, pratinhos, xícaras, eletrodomésticos, casas e cidades em miniatura, reproduz, no jogo todo seu conhecimento da vida doméstica, exercita a manipulação dos objetos, compondo-os e recompondo-os, designando-lhes um espaço e um papel; mas ao mesmo tempo as bonecas lhe são úteis para dramatizar suas próprias relações, e eventualmente seus conflitos. (RODARI, 1982, p.104)

Nesta dialética, a menina se projeta para o mundo, toma a compreensão dos futuros limites de sua vivência, inicia o processo de quem ela tem ensaiado para ser, convive com a impecabilidade de suas bonecas e passa a desenvolver critérios silenciosos que circulam a construção da mulher.

Independente dos caminhos que se desenrolam, é inegável que a brincadeira possui importante papel na construção da criança e da condição feminina, bem como Jean Chateau afirma "A brincadeira é fundamental para o crescimento do ser humano" (CHATEAU, 1987).

Estudar na infância somente o crescimento, o desenvolvimento das funções, sem considerar o brinquedo, seria negligenciar esse impulso irresistível pelo qual a criança modela sua própria estátua. Não se pode dizer de uma criança "que ela cresce". Apenas seria preciso dizer "que ela se torna grande" pelo jogo. Pelo jogo ela desenvolve as possibilidades virtuais que afloram sucessivamente à superfície de seu ser, assimila-as e as desenvolve, une-as e as combina, coordena seu ser e lhe dá vigor. (CHATEAU, 1987, p.14)

### 5.1. *You Can Be Anything*<sup>23</sup>

Desde 1959, a forte presença do posicionamento inteiramente pessoal da Barbie traçou uma longa trajetória na vida das garotas. A fala empoderada *You Can Be Anything* marca grande parte da infância e adolescência de meninas do mundo todo. É claro que, sem a menor dificuldade, nota-se que a frase refere-se à exigência estética e ao restrito formato que faz jus "ao ideal da mulher moderna e branca do Primeiro Mundo, ágil, esportista e consumista" (ALTMANN, p.12). O universo da mulher desenhado pela boneca educa, já na primeira infância, seu lugar na sociedade, desde que magras, loiras, em um conversível rosa e em profissões perpassadas pela beleza.

A representatividade e toda força comunicacional é inquestionável e expande-se para a amplitude cultural. Trata-se de um brinquedo com vínculo emocional, e que sua personalidade consumista, não só persiste em um sistema simbólico, como também é compelida goela abaixo através de uma estratégia marcante e primorosa. Para todas as idades, em todos os produtos. São roupas,

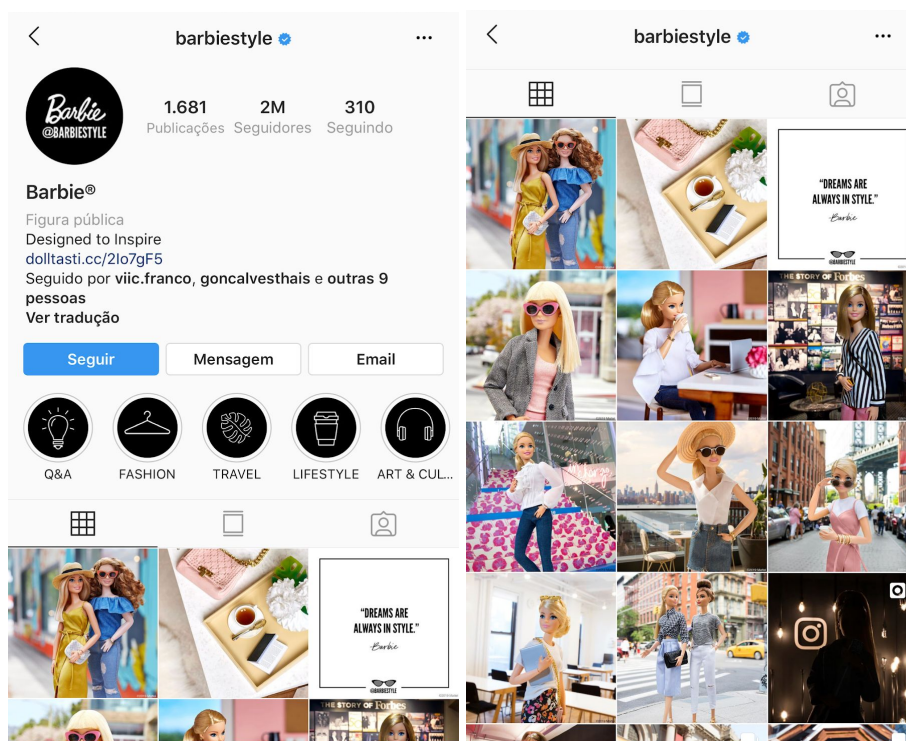
---

<sup>2</sup> Citação assinada pela marca e disponível no site oficial da Barbie: <https://barbie.mattel.com/en-us/about/you-can-be-anything.html> . Acesso em: 19 mai. 2019

<sup>3</sup> Tradução: Você pode ser qualquer coisa.

acessórios, sites, filmes, séries, vídeos, móveis, decorações para casa, para festas, livros e assim marcha até que seus ideais sejam naturalizados entre o imaginário de meninas de diferentes épocas e fases.

Figura 4 - Página da rede social de *Lifestyle* da boneca Barbie



Fonte: *Print* do user @barbiestyle<sup>4</sup>

As experiências que vivenciamos socialmente são responsáveis pela formação de imagem que adquirimos com o decorrer do tempo, “não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar” (LAPLANTINE, 1997. p. 101). As lembranças se formam, e constituem o imaginário simbólico que utilizamos no ato de existir e expressar aquilo que nos interioriza. Tudo é relacionado e atinge, não instantaneamente, mas com o desenvolvimento do imaginário, a compreensão que então adquirimos do externo. Isso inclui a compreensão de nós mesmas, da concepção que formamos de nossos próprios corpos.

Apesar disso, muitas mulheres, criadas sob mesma influência midiática, se opõem artisticamente a este modelo dominante. Essas contra representações funcionam como uma reação ao fluxo base conduzido pelos padrões citados como

<sup>4</sup> Disponível em [www.instagram.com/barbiestyle/](https://www.instagram.com/barbiestyle/). Acesso em: 22/05/2019

os da Barbie. O produto controverso existe e está disponível para consumo da mesma forma que o primeiro. Funciona como uma reação à ação. Como é o caso do clipe *Aqua - Barbie Girl*<sup>5</sup>, que utiliza-se da ironia em sua pura execução, em forma de exibição e personificação da própria boneca. O comportamento da personagem chega a soar irritante, e os momentos em que, mesmo humana, ela ainda passa-se pela boneca - quando o braço é arrancado, por exemplo, o discurso crítico vem à luz. A festa enfadonha em conjunto com o refrão *Life in plastic, is fantastic*<sup>6</sup> também reforça uma contradição de linguagem e gera questionamentos pertinentes sobre este estilo de vida.

Outras cantoras que trabalham com uma narrativa direta, sem rodopios, como é o caso de Lily Allen em *Hard Out Here*<sup>7</sup>, ou Pink em *Stupid Girls*<sup>8</sup>, são personalidades importantíssimas de oposta manifestação e também atuam para a formação independente do comportamento feminino. A própria Lisa, personagem da animação *Os Simpsons*, expande esse espaço de reconhecimento como uma figura contestadora, com alto desenvolvimento intelectual, ambientalista, liberal, feminista, diligente e ainda sim, extremamente sensível. Estas protagonizam a mesma força na mídia em que estão imagens como as da Barbie, mas com discursos completamente empoderados, em semelhante posição de formadoras de opinião. São por esses e muitos outros empenhos no ambiente comunicacional que, hoje, o futuro do processo de construção da mulher possui incontáveis possibilidades, mesmo em face de reações discriminatórias e machistas. O processo é longo e a luta pela igualdade não deve estagnar jamais. Mas, são por imagens em contraponto como às exemplificações, que, como mulher, posso ter certeza de haver espaço tanto para a mulher sozinha, independente, desapegada do próprio sexo, como também para a mulher que sonha com seu lar desde criança.

---

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZyhrYis509A> . Acesso em: 7 mai. 2019

<sup>6</sup> Traduzido por: "Vida em plástico, é fantástico"

<sup>7</sup> Disponível em <https://vimeo.com/11126144> . Acesso em: 25 jul. 2018

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BR4yQFZK9YM> . Acesso em 1 jun. 2019

## 5.2. A Grande Salada

O nome da personagem do ensaio, denominada Rita, veio do termo ritual de passagem. A ideia era representar um momento ritualístico e pouco seria mais literal do que apresentar uma festa de aniversário. Nasceu, então, o Aniversário de Rita.

Encontramos um lugar neutro (Acervo café - cafeteria de essência desconstrutiva), assumimos a liberdade presente na criança (nesse caso observa-se meninas) e possibilitamos uma abertura de ambiente, brincadeiras e convenções sociais. Eram meninas desprovidas da pressão de gênero, do controle presente nas paredes do evento social. Foi uma festa completamente fora dos padrões convencionais. A correria entre as cadeiras foi constante, bem como os roubos de brigadeiro da mesa de docinhos antes do parabéns, que deixou de ser roubo, pois não havia quem coibisse o ato.

Durante o parabéns desordenado, Vivi, em tudo entusiasmada, não conteve a ansiedade e com o olhar procurou reprovação. Enfiou a mão no bolo retirando com os dedos seu primeiro pedaço. Foi a porta necessária. As outras copiaram a brilhante ideia e o alvoroço incontrolável (sem que realmente ninguém o quisesse controlar) declarou-se interminável.

Os presentes ao pé da mesa satirizaram brinquedos de meninas. Havia vassoura, rodo, panela de pressão, materiais de enfermagem, louças. Nada de brinquedo. Utensílios realmente funcionais.

E, de forma intuitiva, eu imaginava tamanha decepção em receber objetos reais, tão entediantes. Durante a descoberta, imediatamente o lúdico presente nas cores rosas da panelinha de brinquedo transmutaram a panela dura e inanimada, tornando-se livre a diversão entre elas e a incompreensão da minha parte.

Rita, personagem principal e mais velha, permaneceu em intenso desconforto. Não entendeu os presente e achou a festa muito infantil. Em grande parte do tempo ficou com vontade que acabasse logo e entendemos que a ela não estava imposto um comportamento mais liberto ou algo semelhante.



Ali constavam seis meninas: Júlia/Rita (13 anos), Cacao (10 anos), Vivi (8 anos), Madu (7 anos), Naty (6 anos) e a Emma (1 ano).

**Figura 5 - Frame do *making of* do ensaio fotográfico**



Fonte: Vídeo realizado por Geovanna Belizze

### 5.2.1. Cenário e figurino

A mulher carrega em seu corpo um rito de passagem muito pontual. A primeira menstruação é um momento simbólico, independentemente da cultura na qual essa mulher está inserida. Nas tribos Yanomami, por exemplo, quando a menina tem sua menarca, ela é afastada da tribo e, por seu sangue ser considerado venenoso, passa por diversas situações complicadas nesse isolamento, como ser alimentada por uma vara por não poder tocar em sua própria comida.

Durante milênios a mulher foi associada às forças da natureza devido à fertilidade e ao seu papel da reprodução da espécie. Ela provocava medo no homem por causa de acontecimentos que eram inexplicáveis, como a maternidade. Esse medo provocado pelo desconhecido levou o homem a manter a mulher sob seu controle, garantindo sua superioridade em relação a ela. (DELUMEAU, 1990 apud FOLLADOR, 2009, p.6)

Ao pensar o espaço do aniversário, queríamos um lugar que também fizesse parte da experiência, ao invés de colocar a personagem em um fundo infinito e apenas caracterizá-la com símbolos que representassem o que gostaríamos de provocar, intensificando a experimentação.

Assim, decidimos que o tema do aniversário de Rita seria primavera; primeiramente por causa da expressão completar primaveras, mas também para aproveitar todas as referências visuais que retratam essa mulher renascentista selvagem, envolta de natureza, misteriosa. Um verdadeiro fenômeno natural gerador de vida. As meninas foram caracterizadas em referência a frutas e, também, devido ao fato de fazerem parte desse universo de organicidade. As frutas escolhidas foram kiwi (Madu), banana (Cacau), manga (Vivi), jabuticaba (Naty) e Rita (Júlia) era a pitaya. Vesti-las referenciando frutas nos deu uma abertura para brincar com texturas e formas no figurino. Vivi, por exemplo, estava vestida com um cachecol de pelinhos que pretendiam reproduzir os fiapos da manga; enquanto Rita estava com um xale branco de bolinhas brancas que simulava o interior de um dos tipos de pitaya. Na maquiagem seguimos a mesma linha: formas arredondadas e cores vibrantes, referentes à natureza.

**Figura 6 - Croquis iniciais do figurino**



Fonte: Registro feito por Vivi Morais

**Figura 7 - Referência para as maquiagens**



Fonte: Referência retirada do site pinterest.com

**Figura 8 - Desconstrução do ambiente**



Fonte: Registro feito pela autora

### 5.2.2. Paleta de Cores

A paleta de cores para o cenário e figurino foi criada com o auxílio do livro *If it's purple someone's gonna die* (2005) de Patti Bellantoni, um clássico do estudo de cores para o cinema. Entretanto, apesar de haver um arcabouço teórico sobre os simbolismos implícitos no uso de cada cor, o que guiou a direção de arte da Viviane, majoritariamente, foram as paletas de cores dos filmes referência e das cenas que passavam sensações parecidas com as que queríamos experimentar.

Os tons pastéis e mais claros foram em referência ao filme *As Virgens Suicidas* (Sofia Coppola, 2000), que trouxeram uma referência narrativa para a estética do Aniversário, por conseguir unir um tom de estranhamento a uma figura delicada, adolescente e pueril.

**Figura 9 - Frames de *As Pequenas Margaridas***



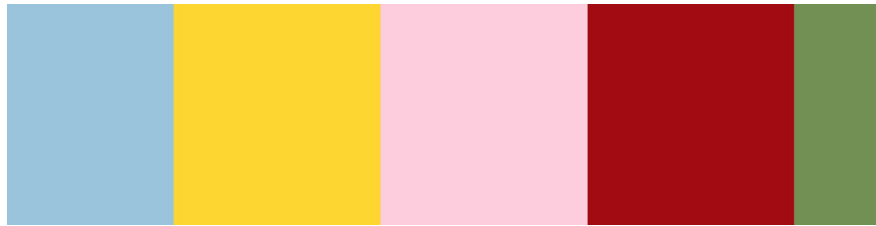
Fonte: *As Pequenas Margaridas*, Tchecoslováquia, 1966

**Figura 10 - Frames de *Virgens Suicidas***



Fonte: *Virgens Suicidas*, Estados Unidos, 2000

**Figura 11 - Paleta de cores do ensaio**



Fonte: Paleta de cores desenvolvida pela Diretora de Arte Vivi Morais

### 5.2.3. Ficha técnica

Apesar de estarmos fazendo quase tudo em conjunto, organizamos a equipe separando fotografia, direção de arte e produção. Contamos com Maria Luisa Paganine, Elisa Souza e Geovanna Belizze como maquiadoras; Marcelle Renault como assistente de produção e de figurino; Luísa Cruz e Joel Rodriguez como assistentes de produção e *making of*; Patrícia Morais como assistente de arte; e a frente da equipe, Monique Renault na fotografia, Viviane Morais na direção de arte e Amanda Alves na direção de produção.

Os equipamentos utilizados foram:

<b>CÂMERAS</b>	Fotos: Canon 5D Mark III	<i>Making of</i> : Canon 60D	
<b>LENTE</b>	28 - 75mm, 2.8	70 - 200mm, 2.8	50mm, 1.8
<b>ILUMINAÇÃO</b>	Dois <i>Softboxes</i>	Dois <i>Flashes</i>	

Anteriormente, organizamos o momento de utilização de cada equipamento, e antes que o ensaio começasse, a iluminação estava inteiramente montada.

É importante pontuar que nenhuma estrutura perdurou. No momento que compreendemos que a desconstrução acometida pelas crianças ganhava forma e moldava nosso trabalho, nos despimos do planejamento e fomos com elas. Majoritariamente, utilizamos a lente 28 - 75mm, e apesar do grande alcance angular, o efeito gerado se aproximava da ideia lúdica que tínhamos primordialmente. Para detalhes de objetos e decoração, foi utilizada a 70 - 200mm. A câmera 60D e lente 50mm foram utilizadas somente na realização do *making of*. Os grandes aparatos de iluminação intimidavam as meninas e interferiam na brincadeira. Dessa forma, só utilizamos efetivamente os flashes para dar uma estética, com luz estourada, semelhante as fotos dos álbuns de festas de família que utilizamos como referência.

### 5.3. O Scrapbook

No dia 9 de Junho realizamos o aniversário de uma das minhas sobrinhas, Naty, que também participou do ensaio. Para comemorar, sugerimos um dia de atividades em casa e a ideia era finalizar com uma festa surpresa. Devido a amizade que surgiu após o experimento, ela pediu para que convidássemos o restante das meninas que participaram do evento. Vi, então, a oportunidade de possibilitar o desdobramento de narrativa pelas próprias crianças.

Após algumas brincadeiras e atividades juntas, eu perguntei se elas gostariam de criar um álbum de fotos com os registros do dia. Eu já possuía todas as fotos impressas, e até então, elas ainda não haviam tido contato com o resultado completo em nenhum momento. Elas adoraram a ideia, e de forma previsível, me perguntaram se deveriam fazer "de um jeito que você gostasse". Eu expliquei que aquele momento pertencia a elas e que eu gostaria de saber como foi o dia, o que elas acharam ou qualquer outra informação que achassem pertinente.

Foram disponibilizados para a produção do *scrapbook* os seguintes materiais: folhas, mais de 200 registros impressos e sem edição, canetinhas, lápis de cor, caneta colorida, adesivos, giz de cera, cola, tesoura, perfurador, rascunho, folhas estampadas e régua.

Registrei o áudio de alguns momentos de discussão que considerei importante. Parte das transcrições serão apresentadas para melhor compreensão do próprio produto. É importante lembrar que as respostas não foram obtidas organizadamente, todas respondiam quase que ao mesmo tempo, então, o texto diz respeito a um emaranhado de vozes e diferentes opiniões que foram debatendo e sobrepondo ao longo da conversa:

- **O que é TCC?**

- Ter cc. [risos]
- Eu que inventei essa piada.
- É uma festa dos adultos para as crianças, feito perfeito para elas, e que as crianças se divertem e os adultos só tiram fotos, e conseguem seus empregos, enquanto as crianças estão tendo o seu dia perfeito. Isso pra mim é um TCC. Além de ter cc, é isso.
- Tudo.
- O que eu mais gostei foi o bolo. Eu me esqueci o que mais teve.
- Tudo que não tem *glitter*, não é arte.
- Só é arte o que tem *glitter*.
- Glitter é a melhor coisa do mundo.
- Não é não, é comida.
- Vocês sabiam que *glitter* não escreve como a gente pensa? Tem dois Ts
- *glit ter... Glitê-ter*
- Tia, a Cacau tá colocando *glitter* na foto.

- **O que foi diferente pra vocês?**

- O clima foi diferente.
- Como assim o clima?
- O clima quer dizer as fotos, o som, o sol refletindo deixando tudo perfeito. Lá foi o perfeito sonho.
- O tema foi normal, porque a minha priminha já fez um aniversário com tema de fruta assim.
- Os presentes foram esquisitos.
- E era aniversário da Rita, mas a gente que abriu os presentes. Eu acho que ela não queria não.
- Tinha panela, mas eu entendi a panela. As panelas significam cozinhar as frutas.
- É, tomate é fruta, pode cozinhar o tomate.



- Eu tenho uma panela de pressão em miniatura que funciona, e também uma panela de tapioca.
- Os presentes foram mesmo esquisitos.
- Se fosse um aniversário de menino, seria coisa de futebol, bola, carrinho.
- As *atacações* no bolo também foi diferente.
- Nenhuma festa ninguém pode tocar no bolo. Só quando você ganhar a fatia. Acho que não gostam, acham que é falta de respeito. Eles não pensam nas crianças.
- As crianças tem que atacar o bolo. Tem que ter um bolo para as crianças e um bolo para os adultos.
- É, assim fica mais justo. E nessa festa teve um bolo pras crianças. Isso foi ótimo.
- Foi super justo conosco, crianças.

- **Qual nome vocês querem colocar na capa?**

- Álbum da festa
- Aniversário da Rita
- Aniversário do TCC
- O dia sensacional das meninas
- O dia perfeito
- Confusão dos doces
- Emoções de uma festa
- Um aniversário para as crianças
- A festa de frutas
- Uma salada de fruta
- A festa da salada de fruta
- Barbie vs fruta
- **Rita: A Grande Salada de fruta**

## 6. METODOLOGIA

Planejamos um ensaio fotográfico em desconstrução, e primeiramente, produzimos um pré-projeto a duas mãos, para nos direcionar durante toda a produção. O planejamento contou com buscas de referências visuais, em sites como o *Pinterest*<sup>9</sup>, *Behance*<sup>10</sup>, filmes, revistas impressas de moda como a *Vogue Kids*, longas conversas com ex colegas, também autores de produtos pela Faculdade de Comunicação e principalmente com professores que nos disponibilizaram tempo e paciência.

Após a busca de referências anterior ao início do produto, realizamos uma pesquisa experimental. Permitimos um caos dominado por crianças, para que observássemos o comportamento e relacionássemos com o corpus. Registramos o decorrer do dia em fotos, vídeos e áudios. O evento, que ocorreu no Acervo Café, localizado Guará II QE 40 lote 18, contou com uma estrutura completa de aniversário. Havia a mesa de doces ao centro, que continha o bolo, frutas, descartáveis. No cenário havia um letreiro de Feliz Aniversário, balões espalhados pelo chão e paredes, plantas decorativas, os presentes ao redor da mesa, a personagem Rita, aniversariante, e as crianças convidadas, todas caracterizadas.

Os presentes selecionados satirizavam os brinquedos para meninas. Havia panela de pressão, vassoura, utensílios de cozinha, materiais de profissão... Tudo era realmente funcional e embalado como presentes de verdade. A reação observada e registrada foi completamente diferente do que esperávamos. De imediato, surgiu uma incompreensão, que durou pouquíssimo tempo e logo tornaram-se brinquedos divertidíssimos nas mãos das garotas. A afirmativa era: "Brincar de casinha é a nossa coisa preferida, tia, como você adivinhou?".

A finalidade do registro, vem em encontro com a terceira parte do projeto: a revisão bibliográfica. A partir deste ponto, eu e Viviane nos separamos para o desdobramento nas diferentes áreas da comunicação que cursamos. Houve o aprofundamento nos temas Barbie, leitura de gênero, feminismo, construção de

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://br.pinterest.com/>. Acesso em: Out. 2018

<sup>10</sup> Disponível em <https://www.behance.net>. Acesso em: Out. 2018

narrativa, desconstrução - conferir a bibliografia consultada posteriormente REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Após uma extensa pesquisa teórica, redigi os fatos de forma descritiva e associei ao material estudado. Desenvolvi o problema apresentado, e utilizei os dados coletados na pesquisa experimental para analisar possíveis soluções.

Como a penúltima parte do projeto, utilizei a pesquisa qualitativa, durante um evento descontraído que ocorreu em minha casa e contou com a presença de todas as participantes do experimento. Possibilitei que elas se apropriassem das próprias imagens e de toda criatividade que estivesse ao alcance para desenvolver a própria narrativa em formato de um álbum fotográfico. Ao oferecer a possibilidade de que elas produzissem o material, eu estava ciente de que talvez elas negassem, ou simplesmente não tivessem vontade. Caso ocorresse, este seria tomado como resultado de minha pesquisa. Todavia, elas adoraram a ideia e decidiram como fariam.

O planejamento - desenvolvido por elas - foi: cada uma produziu uma página e contou a história da maneira que desejava - seja por desenho, textos, recortes -, e ao final, elas uniriam todas as páginas formando um *scrapbook* completo.

Durante a produção do álbum, eu registrei áudios de conversas entre elas, e ao todo, eu induzi somente três vezes um assunto para observar e coletar opiniões sobre determinado tópico - parte da transcrição do áudio encontra-se em REFERENCIAL TEÓRICO - O *Scrapbook*.

Ao final do dia, elas escolheram entre si duas representantes para gravar um vídeo explicando tudo que foi feito. O *link*<sup>11</sup> do vídeo encontra-se disponível.

Finalizando as análises, coletei todos os dados, resultados, o produto desenvolvido, experimentações e experiências observadas e desenvolvi este Memorial. O teor narrativo demonstra a personalidade do projeto como um todo, e possibilita a aproximação do leitor com todas as segmentações do produto.

---

<sup>11</sup> Disponível em <http://bit.ly/2RuwaUN>

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro momento, rascunhei sensações esperadas, desenvolvimentos imagéticos que demonstraram claramente em que pé considero o comportamental de meninas. A proposta apostava na liberdade e desconstrução, mas uma espécie de resultado imaginado apontava para o outro lado. No mesmo instante que tive contato com as meninas e elas estabeleceram uma relação entre si, tudo se desfez. A conexão inesperada, a brincadeira e a ligação instantânea, obviamente tocou em mim uma correlação com as crianças que não permitiu uma só censura. Eu me sentei ao chão. Brincamos, conversamos. Eu me afastei, assisti a bagunça realizada no cenário montado, eu me reaproximei e quase que invisivelmente registrei os apertos de buchecha. Vez ou outra ouvia um "tia, fotógrafa a gente, olha só! Estamos modelando pra você". A ideia era de um ensaio, hoje conto uma experiência do meu eu tia, fotógrafa, amiga individualmente de cada menina ali. E isso se tornou tão expresso, que pouquíssimas foram as vezes que não me emocionei enquanto descrevia o resultado, as fotos e a experiência para quem quer que fosse.

Inicialmente planejei fotos como o produto. Realizamos o ensaio, e nos deparamos com um resultado completamente caótico, neste contexto, decidi agregar experimento à palavra ensaio. O universo daquele dia se expandiu lindamente para uma outra ótica. As crianças começaram a definir por si só o que cada uma era, o que era devido e o que não era, e eu, instantaneamente, entendi que não poderia limitar nenhuma ação, já que meu trabalho era sobre crianças, não sobre um objeto inanimado.

Foi em conversa/desabafo com o professor Wagner que, sabiamente, me recordou que todas as escolhas deveriam ser assumidas. Não havia erro, eram registros. E, certamente, as meninas deveriam ser consideradas a ponto de receberem uma explicação sobre tudo que ocorreu ali. Da mesma forma que elas me abriram o afetivo, sensitivo, expuseram-se internamente para mim, como tia e fotógrafa, eu teria, não só a responsabilidade de não expô-las, mas também de empoderá-las de alguma forma. Sempre usam-se crianças, mas nunca há de fato

um interesse em saber o discurso individual que elas querem transmitir. Foi, então, que decidi entregá-las todo meu trabalho, e permiti que elas finalizassem pelas próprias mãos, olhares, e compreensões do *Aniversário de Rita*, inteiramente meu produto e o título do Memorial.

E então o *Scrapbook*: um álbum, da qual minha única participação foi conceder folhas, colas, tesouras, tinta, muito glitter e todo um arsenal de figurinhas. Elas escolheram o *layout*, elas nomearam, elas decidiram a ordem e a narrativa dos fatos. Elas contaram a própria história e jamais me perguntaram o que é um trabalho final, mas definiram sozinhas o que TCC significa.

Como contrapartida, decidi fazer da banca um momento explicativo. Elas estarão presentes, e como não terão acesso a este documento, o foco será que elas compreendam o que foi o trabalho, o que é, pela perspectiva adulta um TCC e, ainda concederei um tempo da apresentação para que elas contem por si, caso sintam-se confortáveis, o produto que elas mesmas originaram.

É então, - não limitado a sua representação imagética de registro, mas como forma clara de linguagem, e sobretudo, em uma nova dimensão de instrumento atemporal, como quem viaja entre o nascer e crescer, o aniversariar e o relembrar - que o próprio experimento se refaz em novo olhar narrativo, sensível, e extremamente pessoal, nas mãos das próprias meninas que possibilitaram o evento e o produto.

Analisando posteriormente o que foi criado, há uma outra forma de compreensão que exprime que a narrativa não só extrapolou o momento da criança, como também estacionou na fase adolescente. Quando éramos mais novas, uma das maiores humilhações que alguém poderia passar, era ter seu diário lido por alguém sem prévia autorização. Aquele era o espaço da construção da intimidade da menina. Hoje os ditos diários são majoritariamente imagéticos e estão disponíveis *online* a centenas de seguidores

Entender o vazio e as conexões entre conceito e produto, e relacionar o conceito, produto e, principalmente, memorial com Comunicação, foi um desafio que enfrentamos por meses até entender a solução da equação. Isto resultou, também, na separação de produtos para que cada uma pudesse se debruçar em sua área de

atuação - no meu caso Publicidade, e Viviane no Audiovisual. Em toda a fase inicial, nosso trabalho caminhou pela psicologia infantil, educação, antropologia, nas artes, mas nunca na Comunicação. Agora, depois de tanto refazer, enfim assumimos o teor experimental de um projeto final. Compreendi que, definitivamente, ainda não entendo tudo que o mercado me exige, mas enxergo com intensa gratidão, o tanto que (errei) e aprendi naturalmente, sobre o desenvolver comunicacional com este produto.

Muitas vezes fui indagada sobre o porquê da utilização de crianças para as fotos, sendo o amadurecimento - e as correlações que fazemos com ele - um processo comum a toda vida. Primeiramente, me atentei que originalmente queríamos trabalhar com crianças, por tudo que a infância e o tamanho pequeno representa - falo pessoalmente. Porém, com o andar do trabalho, acabei compreendendo que restringir as modelos a garotas foi um fator importantíssimo de identificação para mim, criando um laço de pertencimento ao projeto que talvez a escolha de outra faixa etária - ou de trabalhar com gêneros mistos - não permitiria.

Ter realizado o ensaio no Acervo Café, possibilitou a otimização do processo, dando uma estrutura mais confiável do que a que tínhamos anteriormente.

Dentre os muitos aprendizados, entendi que trabalhar com criança é realmente abraçar o caos e isso exige mais do que planejamento. Exige amor, exige esperar menos, querer pouco e, também, a paciência para lidar com o maravilhoso imprevisível. Na teoria sabíamos que crianças se cansam mais rapidamente e, têm total dificuldade em seguir um cronograma. Esse espaço de caos se tornou amplo, e dele veio a responsabilidade de nossas melhores fotos.

Todas as vezes que planejei ter muito, não obtive nada. No escopo, dentro de um olhar adulto para as fotos, as coisas se desencaixavam. Eu me perdia completamente, não encontrava justificativa e o trabalho transformava-se em uma porção de fragmentos desconectados. Compreender que não bastava utilizar-se da imagem de crianças, mas dar a elas o poder da narrativa, de dominar o trabalho em tudo, foi de fato a melhor solução para um projeto real. Hoje, enxergo um experimento tão sensível quanto minha relação com as meninas - ou com a minha

própria infância. Não teve um encontro em que não nos divertimos. Não existiu o peso de um trabalho, foi inteiramente descoberta.

Sem que pudesse ser diferente, fecho este ciclo com incontáveis experimentações. Enquanto nosso campo acadêmico possibilitar que o aprendizado não se restrinja a livros ou salas de aula, a Comunicação continuará ganhando força para acessar corpos, pessoas, vivências muito maiores que as paredes da biblioteca. Crianças, fotografias, encontros de trajetórias ensinam. Os muitos professores *consultados*, como verdadeiros livros ambulantes, também. Não posso mensurar o enorme ganho recebido nestes últimos meses, mas posso compartilhar. É um álbum engraçado, com erros ortográficos e páginas do avesso, que acomoda teorias significativas e a simplicidade da criança em seu fazer comunicacional particular.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena. Barbie e sua história: gênero, infância e consumo. Campinas, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2Kx45LJ>>. Acesso em: 03.09.2018.

BARTHES, Roland. Análise Estrutural da Narrativa: seleção de ensaios da revista "*Communications*". Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1971.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: 2. A experiência vivida. 2ª Ed. Paris: *Librairie Galliard*, v. 2, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: Fatos e Mitos. 4ª Ed. Paris: *Librairie Galliard*, 1970.

CHATEAU, Jean. O Jogo e a Criança. São Paulo: *Summus*, 1987.

CUNHA, Raissa. Estereótipos femininos: Competência e amabilidade em avaliações implícitas, explícitas e de empregabilidade. Brasília, 2017.

DANTAS, Tiago. "Aniversário"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/aniversario.htm>. Acesso em 22 de junho de 2019.

FISKE, S. T., CUDDY, A. J., & Glick, P. (2007). Universal dimensions of social cognition: Warmth and competence. *Trends in cognitive sciences*, 11(2), 77- 83.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. *A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental*. Revista fato & versões, v. 1, n. 2, 2009.

HELD, Jacqueline. O imaginário no poder: AS CRIANÇAS E A LITERATURA FANTÁSTICA. Brasil: Summus, 1980.

LINTON, Ralph e Adelin. *The Lore of Birthdays*. New York: Omnigraphics, p.8, 18-20, 1952.

MORIN, Egdar. O cinema ou o homem imaginári: ENSAIO DE ANTROPOLOGIA SOCIOLOGICA. 2ª Ed. Brasil: E REALIZAÇÕES, 2014.

NACHMANOVITCH, Stephen. Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte. 5ª Ed. Summus, 1993.



TEIXEIRA, Maria das Graças. Brinquedos e Brincadeiras e a construção do conhecimento. Salvador, 2007. Disponível em <<http://bit.ly/2WYsvj7>> Acesso em: 20 set. 2018

VYGOTSKY, L. S. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.

WOLF, Naomi. O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

#### 8.1. Outras referências

ADVENTURES, Barbie™ Dreamhouse. O Bolo Perfeito!. Rainmaker Studios, Canadá, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ySQ0JfpOUAQ>>. Acesso em: 11. 2018.

ADVENTURES, Barbie™ Dreamhouse. O presente surpresa da Chelsea. Rainmaker Studios, Canadá, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z1JWp3g7l4s>>. Acesso em: 10. 2018.

BARBIE, Site. Você pode se divertir com o jogo da Barbie Dreamhouse Adventures!. America do Sul. <<https://play.barbie.com/pt-br/game/dreamhouse-adventures>> Acesso em: 20.04.2019

## 9. APÊNDICE

### 9.1. Orçamento do Produto

#### Produção

Locação	R\$ 700,00
Almoço	R\$ 200,00
Lanche 1	R\$ 95,00
Cachê	R\$ 400,00
Lanche 2	R\$ 100,00
<b>Total</b>	<b>R\$ 1.495</b>

#### Arte

Elementos do cenário	R\$ 360,00
Frutas para a mesa do bolo	R\$ 82,00
Primeira compra de figurino	R\$ 69,99
Segunda compra de figurino	R\$ 35,99
Terceira compra de figurino	R\$ 89,90
<b>Total</b>	<b>R\$ 637,88</b>

## 9.2. Lista da origem dos objetos de cena utilizados

<b>Lista de objetos do Aniversário</b>	<b>Origem</b>
Letras Feliz aniversário	Compra
Corda	Compra
Figurino	Compra/Aproveitamento pessoal
Papel de presente	Compra
Pano de fundo	Empréstimo
Pano de mesa	Empréstimo
Balões	Compra
Velas	Compra
Presentes	Empréstimo
Plantas	Empréstimo
Bolo	Troca - A Cozinha Doce
Docinhos	Compra
Frutas	Compra
Descartáveis	Compra
Locação	Aluguel
Equipamentos	Empréstimo
Descartáveis	Compra

### 9.3. Links de acesso aos registros e vídeos de *making of*

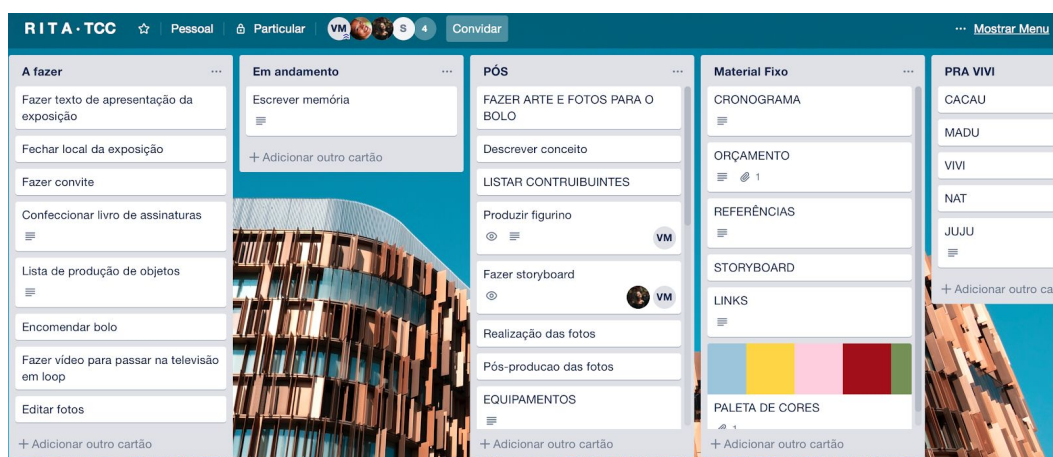
<<http://bit.ly/2RuwaUN>>

Figura 12 - O Scrapbook



Fonte: Registros da autora

Figura 13 - Quadros de organização no Trello



Fonte: *Print* da autora

Figura 14 - Antes e depois



Fonte: Registros do Aniversário